



O SERTANEJO NO SERTÃO-MUNDO

Riccardo GRECO¹

Resumo: Com o nascer da *Literatura de Nordeste* começa uma valorização do Brasil regional que mereceu, e merece hoje, a atenção dos maiores críticos literários. Desde o Romantismo até a última fase do Modernismo, a representação do meio rural do sertão e dos seus habitantes torna-se central e algumas personagens acabam por se fixar no nosso imaginário. Decidi de estudar a figura do sertanejo para perceber como ela muda na fisionomia e na psicologia, passando de “herói” para “anti-herói”, conforme ao mudar do espírito do tempo em que os romances aqui escolhidos foram escritos.

Palavras chave: literatura brasileira, sociologia da literatura, sertão.

O conceito de *Literatura de Nordeste* nasce acompanhado por uma reflexão socio-política que é expressão do espírito da época em que as primeiras obras nordestinas foram produzidas. Afrânio Coutinho toma como ponto de partida desta literatura o tardo-romantismo, fase em que a descoberta dos temas regionalistas torna-se fundamental para a criação da identidade nacional do País:

“Desde o Romantismo, com a valorização do *genius loci*, um fato da maior significação foi a crescente importância do Brasil regional. [...] Há, porém uma diferença essencial entre o Regionalismo tal como era visto pelos românticos e o que foi posto em prática pelas gerações realistas. Em José de Alencar, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, o Regionalismo é uma forma de escape do presente para o passado, um passado idealizado pelo sentimento e artificializado pela transposição de um desejo de compensação e representação por assim dizer onírico.” (COUTINHO, 2001, pp. 1352-3)

Se por um lado alguns escritores cultivam a idealização do passado, por outro a sociedade precisa de novos modelos de “brasilianidade” e procura defini-los. A literatura participa à pesquisa criando uma personagem que possa representar o povo do interior: o sertanejo. No romance de Franklin Távora, *O Cabeleira* (1876), por exemplo, à personagem epônima do *Cabeleira* são atribuídas características excepcionais, quais uma força física extraordinária, uma incrível resistência ao ambiente hostil do nordeste,

¹ Doutor em Lusitanística da Universidade de Bari (Italia), Membro do projeto PAR da Universidade de Siena para o estudo da literatura de favela. Tradutor para o italiano da obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.



coragem e generosidade. A figura do homem delineada por Távora satisfará as expectativas de uma nova geração de escritores para os quais – no final do século XIX e início do XX – a personagem do sertanejo devia encarnar a tipologia humana nordestina e demonstrar o primado da sua identidade regional sobre o resto do País. Por isso Coutinho fala na necessidade de imortalizar o homem do nordeste como um “herói”:

“Cria-se, inclusive, um tipo de herói – o herói regional – de estatura quase épica em seus aspectos de super-homem, em luta contra um destino fatal, traçado pela forças superiores do ambiente. [...] O Regionalismo foi uma das formas que assumiu o nacionalismo literário brasileiro, a partir do Romantismo. É uma das respostas à pergunta do séc. XIX sobre como deveria ser a literatura para ter caráter e identidade nacionais, isto é, para ser brasileira.”
(COUTINHO, 2001, pp. 1352-3)

Também na obra prima *Os sertões* (1901), embora Euclides da Cunha descreva as numerosas espécies que constituem a flora do sertão com a perícia de um botânico, é ao sertanejo que são dedicadas as páginas mais intensas e mais pertinentes à nossa reflexão. O *incipit* do capítulo intitulado *O sertanejo* contém uma afirmação inequívoca e densa de conotações ambientais: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurasténicos do litoral”. As terras do interior são as que forjam os homens melhores, homens como o vaqueiro “forte, esperto, resignado e prático”, para o qual “viver é adaptar-se”. Para Euclides da Cunha quem vive no sertão ganha a sua imagem e torna-se “bárbaro, impetuoso, abrupto” (CUNHA, 2000, p. 93).

Após da publicação *Luzia-Homem* (1903), de Domingos Olímpio, talvez o último romance do Naturalismo regionalista, nenhuma das qualidades aqui descritas caracterizará a personagem do sertanejo. Aproximando-nos ao Modernismo, a exaltação do homem do interior será abandonada e as personagens serão sempre mais parecidas com a imagem do “anti-herói”, humano e volúvel, principalmente preocupado com a própria sobrevivência. Igualmente, um certo culto do espaço rural, pelos pré-modernistas chamado “sertanismo”, será ultrapassado pelos herdeiros do Realismo. O sertanismo, ou seja a valorização do sertão e da tipologia humana do sertanejo, é uma forma de idealização sentimental cuja dimensão rural é considerada apenas no seu aspecto positivo: um sertão bom e genuíno, povoado por seres generosos, fortes e puros. Mas o sertanismo, que acompanha o Regionalismo desde o movimento romântico, é também uma reação nativista mais rigorosa do indianismo que o precede e, sobretudo,



mais autêntica porque baseada numa realidade nacional mais enraizada no tecido cultural da sociedade.

Com a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos esta visão do sertão já é completamente “des-construída”: os escritores concentram-se agora sobre a tensão da relação homem-região e é neste percurso que se coloca a identificação dos grandes núcleos temáticos: a seca, a monocultura, o cangaço e a emigração para o litoral dos retirantes. Só a partir desta tomada de consciência é que o sertão passa a ser observado nas suas facetas, nas suas contradições, quer dizer, na sua realidade. Isso também acontece com o sertanejo que deixa de ser uma personagem monolítica, um clichê da literatura romântica, para começar a ser representado de maneira mais aderente a realidade. O jagunço, por exemplo, nos revela o seu *ordo mundi* feito de força e de violência, de fé e de paixões verdadeiras; o seu cotidiano, a criação do gado, as conversas com os seu companheiros e as longas viagens de cavalo. A cachaça, além das armas e dos objetos de couro, é o que lhe serve para as perigosas travessias no sertão, terra sem pontos de referência, quase sem horizonte e onde a aspereza da paisagem chega a ser metáfora da vida de todos os homens.

Isto é particularmente evidente na obra prima de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1963), romance em que a vastidão do espaço geográfico torna-se inquietante por falta de limites e onde o presente deixa de existir para elevar-se a tempo mitológico. Riobaldo, logo no início, afirma que “o Sertão está em toda a parte”, mas que também “o Sertão é sem lugar” (ROSA, 1963, pp. 9 e 268). Trata-se de um mundo com regras próprias onde não existe a lei de Deus: “onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, venha armado!” (ibidem). A atmosfera cavalheiresca, as proezas e o código de honor das personagens dos jagunços permitem de meter em relação o homem do sertão com o par-de-França: “Joca Ramiro era único homem, par-de-França, capaz de tomar conta desse sertão nosso, mandando por lei, de sobregoverno” (ibidem, p. 44). Na opinião de Gustavo Barroso “tudo isto relembra vagamente guerras medievais, de barões feudais com incêndios de burgos pobres e assédios de castelos roqueiros [...]” (BARROSO, 1956, pp. 117-8).

O que mai interessa a nossa reflexão é que em *Grande Sertão: Veredas*, como observa Walnice Nogueira Galvão, o material real e material imaginário fundem-se, comunicam-se (GALVÃO, 1972, p. 51), intensificando o significado alegórico da figura do sertanejo e da sua terra. A falta de coordenadas temporais na narração contribui a



criar uma atmosfera de “suspensão” em que o valor da ação se compreende na sua dimensão metafísica. Por Antônio Cândido, Guimarães Rosa conseguiu elaborar um universo autônomo (original e harmonioso) ultrapassando os limites do Realismo sem deixar de ser profundamente aderente à realidade:

“A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro a matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo”. (CÂNDIDO, 1971, p. 122)

As palavras de Cândido exprimem a profunda diferença entre a prosa de Guimarães Rosa e a geração dos regionalistas. A grande revolução estética contida em *Grande Sertão: Veredas* põe o romance aos limites dos preceitos da chamada *literatura de Nordeste*, ocupando assim um lugar de fronteira. A obra de Guimarães Rosa transforma o sertão de espaço geográfico em espaço literário e o sertanejo de *homo singularis* em *homo universalis*. Neste processo o papel do ambiente é fundamental e constantemente submetido às leis da imaginação. Falando em fenomenologia do espaço, Bachelard pergunta-se se a imaginação permita de amplificar sem limites as imagens da imensidão e se esta possa ser definida uma categoria filosófica da *rêverie*: a sua contemplação colocaria o sonhador perante dum mundo que mostra a marca do infinito (BACHELARD, 1957). É por isso que ao tentar traçar um mapa do sertão de Guimarães Rosa surgem numerosos espaços brancos e topônimos fictícios. Na impossibilidade de unir entre eles pontos imaginários, afirma Bachelard, a fenomenologia da imensidão entrega-se inevitavelmente à nossa consciência imaginante. Na dimensão irreal os detalhes se confundem, o pitoresco perde a sua cor, o sino não toca à hora certa e o espaço não tem horizonte. É uma forma de contemplação que o filósofo francês chama de *rêveries* do infinito.

O mesmo acontece com a figura do sertanejo: o homem real confunde-se com o homem imaginário e os dois comunicam-se livremente tornando-se os dois reais e imaginários ao mesmo tempo. A ambiguidade, de resto, é traço básico da obra, baste pensar no Riobaldo que oscila entre Deus e o Diabo e na Diadorim entre homem e mulher. A este propósito, e para concluir, eis as palavras de Cândido:



“Assim, vemos misturarem-se em todos os níveis o real e o irreal, o aparente e o oculto, o dado e o suposto. A soberania do romancista, colocado na sua posição chave, a partir da qual são possíveis todos os desenvolvimentos virtuais, nos faz passar livremente duma esfera à outra. A coerência do livro vem da reunião de ambas, fundindo o homem e a terra e manifestando o caráter uno, total, do Sertão-enquanto-Mundo.” (CANDIDO, 1971, p. 135)

A ambiguidade que atravessa esta obra não exprime somente a condição psicológica da sociedade brasileiras dos anos Sessenta, mas reflete em geral o espírito do homem contemporâneo, com as suas crises existenciais, sempre à procura de certezas e de identidade, ânsia que bem se pode resumir numa frase que aparece neste romance: isto é ou não é?.

Abstract: With the birth of “Northeast Literature”, it begins an appreciation of the territorial Brazil, which has deserved, and now deserves the major literary critics attention. From Romanticism to the last stage of Modernism, the representation of the rural hinterland and its inhabitants becomes the center and some characters end up settling down in our imagination. I decided to study the frontiersman figure to notice how it changes in the physiognomy and psychology, from “hero” to “anti-hero”, as the spirit of the time change, when the novels were written.

Keywords: Brazilian literature, sociology of literature, wilderness.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gastón. *La poétique de l'espace*, Presses Universitarie de France, Paris, 1957.
- BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*, Livraria São José, Rio de Janeiro 1956.
- CANDIDO, Antônio. *Tese e antítese*, Companhia Editorial Nacional, São Paulo 1971.
- COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia da Literatura brasileira*, Global, São Paulo 2001.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões*, Livros do Brasil, Lisboa, 2000.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso, Um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: veredas*, Editora Perspectiva, São Paulo 1972.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro 1963.

Artigo recebido em 11/07/2009
Aceito para publicação em 26/09/2009